Lição 3: No movimento local, o movente e o movido devem estar juntos

897. Na demonstração anterior, o Filósofo havia assumido que um movente é contínuo, ou ao menos contíguo, ao móvel. Isso ele agora pretende provar.

Primeiro ele prova sua proposição;

Em segundo lugar, prova algo que havia assumido em sua prova, (L. 4)

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, declara sua intenção;

Em segundo lugar, prova sua proposição, a partir de 898.

Diz, portanto, primeiro (682) que o movente e o movido estão juntos. Mas algo é dito "movido" em dois sentidos. Em um sentido, como o fim move o agente, e tal movente às vezes está distante do agente que move; em outro sentido, como aquilo que move e que é o verdadeiro iniciador do movimento. É deste último que Aristóteles fala, e é por isso que acrescenta "não como aquilo em vista do qual, mas como aquilo de onde se origina a fonte do movimento."

Além disso, um movente como princípio de movimento pode ser imediato ou remoto. Aristóteles fala do que causa movimento imediatamente e o chama de "primeiro movente", que não se refere ao primeiro na série de moventes, mas a um movente que é imediato ao móvel.

E porque no Livro V ele havia dito que as coisas no mesmo lugar estão juntas, poderia-se concluir disso e da afirmação de que o movente e o movido estão juntos que, quando um corpo é movido por outro, ambos devem estar no mesmo lugar. Portanto, para evitar esse mal-entendido, ele acrescenta que "juntos" não é tomado aqui no sentido de estar no mesmo lugar, mas no sentido de que nada é intermediário entre o movente e o movido. É nesse sentido que as coisas em contato, ou as coisas que são contínuas, estão juntas, porque seus extremos estão juntos ou são um e o mesmo.

E porque na demonstração anterior ele procedeu apenas ao longo da linha do movimento local, isso não significa que sua proposição seja verdadeira apenas nos casos de movimento local. Portanto, para excluir esse possível mal-entendido, ele acrescenta que a afirmação "o movente e o

movido estão juntos" deve ser tomada num sentido comum a todos os movimentos, pois se encontra em todo tipo de movimento que o movente e o movido estão juntos, no sentido explicado.

898. Então, em (683), ele prova sua proposição. Sobre isso, ele faz duas coisas:

Primeiro, enumera as espécies de movimento;

Em segundo lugar, prova sua proposição para cada tipo, a partir de 899.

Diz, portanto, primeiro (683) que há três tipos de movimento: um é em relação ao lugar e é chamado de "movimento local"; um é em relação à quantidade e é chamado de "crescimento e decrescimento"; o terceiro é em relação à qualidade e é chamado de "alteração". Ele não menciona a geração e o cessar de ser, porque não são movimentos, como foi explicado no Livro V. No entanto, uma vez que a geração e o cessar de ser são os termos de um movimento, i.e., da alteração, como foi provado no Livro VI, então, se ele prova sua proposição em relação à alteração, ela também estará provada em relação à geração e ao cessar de ser.

Assim como há três tipos de movimento, há também três tipos de móvel e três tipos de motor. E em todos é verdade que o motor e o movido estão juntos, como será mostrado para cada caso. Mas primeiro deve ser provado para o movimento local: que é o primeiro dos movimentos, como será mostrado no Livro VIII.

899. Em seguida, em (684), ele prova sua proposição para cada tipo de movimento:

Primeiro, no movimento local;

Segundo, no movimento de alteração, no L. 4;

Terceiro, no movimento de crescimento e decréscimo, também no L. 4.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, mostra a proposição em casos evidentes;

Segundo, em casos menos evidentes, em 900.

Ele diz, portanto, primeiro (684) que devemos afirmar que tudo o que está sendo movido em relação ao lugar é movido por si mesmo ou por outra coisa. Dizer que algo é "movido por si mesmo" pode ser entendido de duas maneiras: primeiro, em razão das partes, como quando provaremos no Livro VIII que, nas coisas que movem a si mesmas, uma parte move e outra parte é movida; segundo, primeira e *per se*, isto é, de modo que o todo mova a si mesmo segundo si mesmo e como um todo, como quando ele provou anteriormente que, dessa forma, nada move a si mesmo. Mas se for concedido que algo é movido por si mesmo de ambas as maneiras, é claro que o motor estará no que está sendo movido, seja da maneira que a mesma coisa está em si mesma, seja como uma parte está em um todo, como a alma está em um animal. Assim, seguir-se-á que o motor e o movido estão juntos de tal modo que nada existe entre eles.

900. Em seguida, em (685), ele prova o mesmo, em relação às coisas que são movidas segundo o lugar por outra coisa, naqueles casos em que é menos evidente. Sobre isso, ele faz três coisas:

Primeiro, distingue as maneiras pelas quais algo acontece de ser movido por outra coisa;

Segundo, reduz essas maneiras a duas maneiras, em 906 *bis*;

Terceiro, prova sua proposição para essas duas maneiras, em 907.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, divide as maneiras pelas quais algo é movido por outra coisa em quatro: empurrar, puxar, carregar e girar. Pois todos os movimentos que são causados por algo distinto do movido são reduzidos a essas quatro.

901. Em segundo lugar, ele explica essas quatro maneiras. Primeiramente, ele explica o empurrão como aquilo que ocorre quando o motor faz um móvel se distanciar dele ao movê-lo. O empurrão é de dois tipos: empurrão contínuo e empurrão de rejeição. O empurrão contínuo ocorre quando o motor empurra um móvel, mas não o abandona; antes, o acompanha até o lugar para onde ele vai. O empurrão de rejeição (expulsão) ocorre quando o motor move um móvel de tal forma que o abandona e não o acompanha até o fim do movimento.

902. Em seguida, em (687), ele explica o transporte como um movimento baseado em três outros movimentos: a saber, empurrão, puxão e torção, da mesma forma que o que é *per accidens* se baseia no que é *per se*. Pois aquilo que é transportado não é movido *per se*, mas *per accidens*, na medida em que algo em que ele existe está sendo movido; como, por exemplo, quando alguém é transportado por um navio no qual está, ou transportado por um cavalo sobre o qual está. Aquilo que transporta é movido *per se*, pois não se procede ao infinito nas coisas que são movidas *per accidens*. E assim o primeiro veículo é movido *per se* devido a algum movimento que seja um empurrão, um puxão ou uma torção. Disto fica claro que o transporte está contido nos outros três movimentos.

903. Então, em (688), ele explica a terceira maneira, ou seja, o puxão. E note que o puxão difere do empurrão, porque neste último o motor se relaciona com o móvel como *termo de origem* de seu movimento, enquanto no puxão ele se relaciona como *termo de destino*. Portanto, só se diz que "puxa" aquilo que move algo em direção a si mesmo. No entanto, o ato de mover algo em direção a si mesmo quanto ao lugar ocorre de três maneiras: primeiro, à maneira como um fim move, ou seja, no sentido em que os poetas declaram que o fim é dito puxar, quando dizem que o próprio desejo o puxa. É neste sentido que se pode dizer que um lugar puxa o que é naturalmente movido para ele.

De uma segunda maneira, diz-se que algo puxa outra coisa quando o move em direção a si mesmo alterando-o de alguma forma, de modo que, como resultado, o objeto alterado é movido quanto ao lugar. É desta forma que se diz que um ímã puxa o ferro. Pois, assim como o gerador de uma coisa move coisas pesadas e leves na medida em que lhes dá a forma pela qual são movidas para seu lugar, o ímã confere alguma qualidade ao ferro pela qual este é movido em sua direção. Que isso é verdade, ele o esclarece por três fatos:

Primeiro, porque um ímã não atrai ferro de qualquer distância, mas dentro de um certo limite de proximidade. Ora, se o ferro fosse movido para o ímã apenas como para um fim, à maneira como um corpo pesado é movido para seu lugar, deveria fazê-lo não importa quão grande fosse a distância que os separa.

Em segundo lugar, porque se o ímã for coberto com óleo, não pode atrair o ferro, pois o óleo impede ou modifica a qualidade alteradora.

Em terceiro lugar, porque para que um ímã atraia o ferro, o ferro deve primeiro ser esfregado pelo ímã, especialmente se o ímã for fraco. É como se o ferro recebesse do ímã algum poder pelo qual é movido em sua direção. Assim, um ímã puxa o ferro não apenas como um fim, mas como uma causa motora e como uma causa alteradora.

De uma terceira maneira, diz-se que algo puxa outra coisa porque o move em direção a si mesmo apenas quanto ao movimento local. E é neste sentido que Aristóteles aqui define "puxão", ou seja, no sentido de que um corpo puxa outro de tal modo que o puxador acompanha o que puxa.

904. Isto, portanto, é o que ele diz: que o puxão ocorre "quando o movimento do que puxa algo em direção a si mesmo ou em direção a outra coisa é mais rápido, mas não separado do que é puxado". E ele diz "em direção a si mesmo ou em direção a outra coisa" porque um motor voluntário pode usar outra coisa como a si mesmo; portanto, tal motor pode tanto empurrar algo para longe de outra coisa como de si mesmo, quanto puxar algo em direção a outra coisa como em direção a si mesmo. No entanto, isso não acontece nos movimentos naturais, onde um empurrão natural é sempre para longe do empurrador e um puxão natural é em direção ao puxador.

Ele disse "quando o movimento é mais rápido" porque, às vezes, o que é puxado está sendo movido em direção ao seu objetivo por seu próprio movimento, mas é compelido pelo puxador a se mover com um movimento mais rápido. E, uma vez que o puxador age por seu próprio movimento, o movimento do puxador deve ser mais rápido do que o movimento natural do que está sendo puxado.

A razão para dizer "não separado do que está sendo puxado" é para distingui-lo de um empurrão. Pois em alguns empurrões o empurrador se separa do objeto empurrado e em outros não, enquanto o puxador nunca é separado do que é puxado; na verdade, tanto o puxador quanto o puxado são movidos ao mesmo tempo.

Finalmente, ele disse "a si mesmo ou a outra coisa" porque um puxão pode ser em direção ao puxador ou em direção a outra coisa, como foi explicado para os movimentos voluntários.

905. Uma vez que há movimentos nos quais a presença de um puxão não é claramente evidente, ele mostra que mesmo estes são reduzidos aos tipos mencionados, ou seja, que são dirigidos em direção ao puxador ou em direção a outra coisa. E é isto o que ele diz: que todos os outros tipos de puxão que não são chamados de "puxão" são reduzidos a estes dois tipos, porque eles são especificamente os mesmos que um ou outro destes dois, na medida em que um movimento deriva sua espécie de seu termo — pois os movimentos que ele tem em mente são ou em direção ao puxador ou em direção a outra coisa, como é evidente na inalação e exalação. Pois "inalar" é puxar o ar para dentro, e "exalar" é empurrá-lo para fora; da mesma forma, cuspir é a expulsão da

saliva. O mesmo se deve dizer de todos aqueles outros movimentos pelos quais os corpos são expelidos ou atraídos para dentro, porque emitir se reduz a empurrar para fora e receber a puxar para dentro.

Do mesmo modo, *spathesis* é um tipo de empurrão e *kerkisis* é um tipo de puxão. O primeiro vem da palavra grega para espada; portanto, *spathesis* é cortar com uma espada, o que é feito empurrando. *Kerkisis*, no entanto, vem da palavra grega "*kerkis*" — que se refere a uma ferramenta de tecelão que ele puxa em sua direção enquanto tece, chamada em latim de "radius" (daí outro texto ter "radiatio").

Estes dois movimentos, e de fato todos os casos de emissão ou recepção, são ou uma reunião, que pertence ao puxar em direção a, sendo o reunidor aquele que move algo em direção a outra coisa, ou uma dispersão, sendo um dispersador aquele que empurra, pois um empurrão é um movimento de uma coisa para longe de outra. Desta forma, fica claro que todo movimento local é ou uma reunião ou uma dispersão, porque todo movimento local é ou de algo ou em direção a algo. Consequentemente, todo movimento local é ou um empurrão ou um puxão.

906. Em seguida, em (689), ele explica o giro como um movimento composto por um puxão e um empurrão, pois quando algo é girado, por um lado é empurrado e, por outro, puxado.

906 bis. Depois, em (690), ele mostra que os quatro tipos gerais se reduzem a empurrar ou puxar, e que tudo o que pode ser dito sobre os quatro está contido nesses dois. Pois, como o transporte consiste nos outros três, e o giro é composto por um empurrão e um puxão, resta que todo movimento local causado por um motor se reduz a um empurrão ou a um puxão. Portanto, é evidente que, se o motor e o movido estão juntos nos movimentos de puxar e empurrar, de modo que o que empurra está junto com o que é empurrado, e o que puxa está junto com o que é puxado, então é universalmente verdadeiro que não há nada entre o motor, quanto ao lugar, e o que é movido.

907. Em seguida, em (691), ele prova sua proposição para esses dois movimentos;

Primeiro, apresenta dois argumentos que provam a proposição;

Segundo, responde a uma objeção, em 908.

O primeiro argumento baseia-se na definição dos dois movimentos: pois um "empurrão" é um movimento do motor ou de algo mais para outra coisa; consequentemente, no início do movimento, o que empurra deve estar junto com o que é empurrado, pelo menos quando o que empurra remove de si mesmo ou de outra coisa o objeto que está sendo empurrado. Um "puxão", no entanto, é um movimento em direção ao que puxa ou a outra coisa, como dissemos; um movimento, digo, no qual o que puxa não está separado do que é puxado. Portanto, fica claro que nesses dois movimentos o motor e o movido estão juntos.

O segundo argumento baseia-se no ajuntamento e na dispersão. Pois foi dito acima que empurrar é dispersar e puxar é ajuntar. Ora, ninguém ajunta (*synosis*) ou dispersa (*diosis*) sem estar presente às coisas que está ajuntando ou dispersando. Portanto, é claro que, ao puxar e ao empurrar, o motor e o movido estão juntos.

908. Em seguida, em (692), ele responde a uma objeção que poderia ser levantada contra o empurrão. Pois foi dito sobre o puxão que o movimento do que puxa não está separado do que é puxado. Mas, no empurrão, foi dito que o que empurra, em certos casos, é removido do objeto empurrado. Tal caso de empurrão é chamado de "projeção", que ocorre quando algo é empurrado com certa força para longe. Daí parece que, nesse caso, o motor e o movido não estão juntos.

Para responder a isso, ele diz que a projeção ocorre quando o movimento do que é lançado se torna mais rápido que seu movimento natural devido a um forte impulso. Pois, quando algo é projetado por um forte empurrão, o ar é movido com um movimento mais rápido que seu movimento natural, e com o movimento do ar, o corpo projetado é carregado. E enquanto o ar permanece empurrado, o projétil permanece em movimento. É o que Aristóteles diz, ou seja, quando tal empurrão é feito, enquanto permanece no ar um movimento mais forte que seu movimento natural, o projétil permanece em movimento.

Assim, respondida essa objeção, ele conclui que o motor e o movido estão juntos, e que nada intervém entre os dois.

Revision #2
Created 27 September 2026 18:44:09 by Admin
Updated 1 October 2026 23:52:30 by Admin